



ID: 48779957

17-07-2013

SOCIEDADE ABERTA

## Aprendizes de feiticeiros



**Domingues Azevedo**  
Bastonário da  
Ordem dos Técnicos  
Oficiais de Contas

A política portuguesa tem sido fértil em fenómenos, alguns típicos de aprendizes de feiticeiros, outros de franco desrespeito pelos valores humanos e sociais em que tem assentado a vida no nosso País. Valores que nos ensinaram

ser perenes e sobre os

quais alicerçamos a nossa vida, são hoje abandonados sem que se vislumbre um mínimo esforço por os segurar.

A facilidade com que se usam

algumas medidas, que destroem pilares comportamentais e ferem sem dó nem piedade valores que sustentam a dignidade humana, são reveladores de algo muito mais grave do que os efeitos que elas mesmas, de per si, encerram.

Quando agimos de forma a desrespeitar aquela dignidade, então demonstra-se apetência para não conhecer os limites do bom senso e da razoabilidade.

Ao desrespeitar o homem nos valores em que ele sempre acreditou, estamos a

um passo de o menosprezar nas restantes vertentes da vida humana e ficamos a curta distância de um sistema ditatorial.

Já todos nos apercebemos de uma tendência inata deste governo em fazer incidir sobre os cidadãos que vivem do rendimento do seu trabalho, a solução para os necessários reequilíbrios das contas públicas, negligenciando o esforço que outras classes de rendimentos também deveriam fazer.

O que está a acontecer é francamente mau para ser verdade e não deixa de ser demonstrativo do experimentalismo a que estamos entregues.

O cidadão comum tinha, apesar de tudo, das personalidades que formam o governo e que gerem a causa pública, uma ideia de que eram capazes, que compreendiam a realidade e que tudo faziam para tomar as medidas que nos conduziriam a uma vida melhor.

Infelizmente, hoje, por factos e não por intuição, temos que concluir que não é verdade. Estamos a ser governados por pessoas que ficionam o dia-a-dia dentro das paredes dos seus gabinetes. Mas essa não é a realidade, quando muito poderá ser a imagem que muitos gostariam que ela fosse.

Por mim, não sendo economista, não

consigo entender como é que se ouvem hoje notícias e lamentos de governantes manifestando-se desiludidos com a evolução negativa da economia portuguesa e com o crescimento do desemprego. Mas não foi isso que fizeram? Não foram essas mentes iluminadas que não conseguiram compreender que uma diminuição drástica da disponibilidade financeira das pessoas teria como efeito uma acentuada redução da procura?

Ou seja, se as pessoas, através do consumo não equilibram a economia, então competiria ao Estado, o mesmo é dizer, ao governo, injetar dinamismo na atividade económica para, no mínimo, procurar equilibrar os efeitos negativos gerados com a diminuição da procura.

Fizeram-no? Não. De que se lamentam, então, se foram eles mesmos que criaram as situações que hoje vivemos?

É tempo de dizer basta. Recuamos até ao limiar mínimo da dignidade humana. Nem as parcas reformas construídas ao longo de uma vida estão a salvo da perseguição que se está a fazer a quem trabalha. Basta de sermos cobaias de aprendizes de economia. ■

**Artigo redigido segundo o novo acordo ortográfico**